

# Síntese das respostas à consulta sobre a Sinodalidade da Diocese de Macapá



Por uma Igreja sinodal  
comunhão | participação | missão

# **\_SUMÁRIO**

	<b>3</b>
_INTRODUÇÃO	
	<b>5</b>
_PERGUNTA FUNDAMENTAL	
	<b>6</b>
_ACOMPANHANTES NO CAMINHO	
	<b>7</b>
_ESCUTAR	
	<b>9</b>
_FALAR	
	<b>11</b>
_CELEBRAÇÃO	
	<b>12</b>
_PARTILHAR A RESPONSABILIDADE	
	<b>13</b>
_DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE	
	<b>15</b>
_ECUMENISMO	
	<b>16</b>
_AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO	
	<b>19</b>
_DISCERNIMENTO E DECISÃO	
	<b>20</b>
_FORMAR-NOS NA SINODALIDADE	
	<b>21</b>
_CONCLUSÃO	
	<b>21</b>
_PRIORIDADES	

## **Síntese das respostas à CONSULTA sobre a Sinodalidade da Diocese de Macapá – Amapá – Regional Norte 2**

### **INTRODUÇÃO**

Após a abertura do Caminho Sinodal, a fase diocesana iniciou em 17 de outubro 2021. No dia 15 de novembro de 2021 aconteceu um Conselho de Pastoral Diocesano durante o qual foi refletido sobre o valor e o sentido da Sinodalidade. O objetivo do encontro era também aquele de analisar a linguagem das perguntas para que fossem bem compreensíveis para o nosso povo. Chegamos a um consenso e foi preparada uma Cartilha com a reformulação de algumas destas perguntas. Mandamos imprimir também a Oração do Sínodo. Deixamos para iniciar a Consulta a partir de janeiro 2022 devido ao Advento e ao Natal. Inicialmente os prazos iam até o final de junho, levando em conta que em julho aqui no Norte é tempo de férias e muitos viajam. No entanto, os prazos tiveram que ser mudados porque o bispo tinha que participar da Visita ad Limina justamente no final de junho. Assim marcamos uma Mini-Assembleia Diocesana para o final de maio 2022 (28 e 29, até meio dia, de maio) com a finalidade de chegar à síntese das respostas de toda a Diocese. Criamos um e-mail específico para receber as respostas da Consulta.

Temos 29 paróquias, mas uma do interior está atualmente sem pároco e outra será instalada, de fato, quando chegarem os padres para assumi-la. Portanto de 27 paróquias funcionando, 17 enviaram as respostas (63%). 10 paróquias não responderam (37%). Responderam 3 Casas religiosas de Irmãs, a Equipe Diocesana das CEBs e a Nova Comunidade Shalom.

As respostas deviam chegar até o dia 08 de maio e a Equipe de Síntese trabalhou até a véspera da Mini-Assembleia. Planejamos com a participação de cerca de 150 pessoas. Dos padres da Diocese, foram convidados somente os párocos e todos os membros do Conselho de Pastoral Diocesano. Deviam participar alguns representantes dos/das Religiosos/as, dos Diáconos Permanentes, dos Movimentos, Pastorais etc. não representados no Conselho de Pastoral Diocesano. Também foram oferecidas três vagas de leigos/as para cada paróquia. De fato, estiveram presentes: 20 padres, 13 religiosos e religiosas, 05 Diáconos permanentes e 66 leigos e leigas. De uma forma ou de outra todas as paróquias foram representadas.

Todos os participantes receberam inicialmente a síntese de todas as perguntas. Em seguida, foram divididos em 10 grupos para propor eventuais cortes, acréscimos ou correções ao texto-respostas de cada grupo de

perguntas. Além disso todos os grupos deviam responder à Questão Fundamental. Na tarde de sábado procuramos chegar ao consenso sobre a redação final das 10 folhas que serão enviadas à CNBB. Cada grupo devia também propor sinteticamente uma prioridade como “conclusão” da escuta sinodal dentro do assunto do respectivo tema. Estas Prioridades, junto com a resposta à Questão Fundamental, servirão de base para o planejamento da caminhada da Diocese. No Domingo pela manhã, após a santa Missa, trabalhamos a síntese das respostas à Questão fundamental e a explicação de cada Grupo das motivações que os levaram a escolher aquela prioridade.

Como subsídio para a Caminhada Sinodal elaboramos também uma Cartilha de Círculos Bíblicos com 15 Encontros, aproveitando dos documentos a disposição (Doc. Preparatório, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, o Sensus Fidei etc.). Todo o material está em anexo e foi disponibilizado no site da Diocese de Macapá.

**PERGUNTA FUNDAMENTAL*****1. Como este “caminho em conjunto” acontece nas nossas comunidades?***

Caminhamos juntos a partir das ações dos conselhos paroquiais e comunitários, na diversidade de pastorais, movimentos, organizações e serviços, bem como na preparação e execução das programações de festividades do padroeiro, das novenas, das visitas domiciliares, dos encontros da campanha da fraternidade, dos círculos bíblicos e dos encontros de espiritualidade.

Ainda temos muitas dificuldades para caminhar em conjunto devido: à ausência de uma formação que nos proporcione uma visão geral da ação pastoral (eclesial e comunitária) e da consciência de corresponsabilidade, ao individualismo, a grupos que se fecham em si mesmos e/ou não conseguem se entender com os demais segmentos, ao não planejamento, execução e avaliação dos projetos propostos nas assembleias diocesana e paroquiais, dificuldades em relação a questão de logística geográfica entre as diversas paróquias, bem como pessoas que estão sempre muito ocupadas, acomodadas e/ou assustadas com medo de sair por causa da violência.

***2. Que passos/ações o Espírito nos convida a dar visando superar-mos as dificuldades para “caminhar juntos”?***

- ◆ Desenvolver uma espiritualidade que motive e efetive a vivência da fé e favoreça o protagonismo dos leigos e leigas;
- ◆ Ter uma Coordenação de Pastoral Diocesana ativa e efetiva;
- ◆ Promover a participação em âmbito social como conselhos, associações etc.;
- ◆ Fortalecer as equipes de pastorais nas paróquias e criar o conselho de pastoral paroquial onde não existir;
- ◆ Readequação dos vicariatos;
- ◆ Formação descentralizada para favorecer e valorizar as realidades diversificadas do interior (ribeirinhas e rurais);
- ◆ Formação integral (humana, eclesial, espiritual, missionária, psicossocial etc.) permanente.

**ACOMPANHANTES NO CAMINHO*****1. Na nossa Igreja local (diocese, paróquia, comunidade) quem são os comprometidos com o Reino de Deus?***

São os cristãos batizados que estão engajados em pastorais, movimentos ou grupos que se dedicam nos serviços da paróquia e da comunidade, como também os consagrados, o bispo, os padres, os irmãos, irmãs e os diáconos.

***2. Identifique grupos que “caminham juntos”?***

O agir de todo cristão é servir e caminhar juntos. E é possível identificar diversas realidades de grupos que buscam caminhar em prol de um objetivo comum, principalmente os grupos/pastorais envolvidos com os sacramentos como batismo, catequese e matrimônio. Outro momento que se percebe isso é na preparação da liturgia e nas reuniões do conselho comunitário para decidir algo. Porém, ressalta-se que é difícil e desafiador trabalhar em conjunto por vários motivos, como a ausência de compromisso e compreensão por parte de algumas pessoas sobre participação comunitária, a falta de diálogo e integração com outros grupos/pastorais, acentuados pela pandemia que afastou as pessoas e os grupos/pastorais que ficaram mais fechados, se limitando a pessoas que se encontram dentro da igreja.

***3. Tem grupos afastados que não conseguimos dialogar e somar forças?***

Apesar de tantos esforços já realizados, ainda existem grupos afastados da igreja com os quais não se consegue dialogar ou somar forças como a juventude, universitários, dependentes químicos, idosos, desempregados, famílias em situação de pobreza e pessoas com deficiências. Além disso, há grupos/pastorais que estão enfraquecidos e, conseqüentemente, acabam ficando afastados, ou grupos/pessoas que se têm pouco contato devido a participação em movimentos e novas comunidades carismáticas, limitando a sua presença às celebrações da missa e aos sacramentos, por viverem uma espiritualidade ou vocação específica na Igreja e assim não estão integralmente inseridos em serviços nas paróquias, participando mais da organização de ações comuns na diocese.

***4. Quais sugestões temos para crescer no companheirismo e no compromisso com a justiça?***

Caminhar em unidade, incentivando o diálogo, a escuta e o acolhimento tanto dentro dos grupos/pastorais quanto entre os grupos/pastorais e os padres, e entre os grupos/pastorais/padres e as pessoas de fora da igreja para atrair o povo, de forma respeitosa, inclusiva, empática e fraterna;

Pode-se criar grupos de promoção humana com vista à formação profissional para pessoas/famílias em situação de vulnerabilidade social e pessoal;

Promover a inclusão de intérprete de libras nas celebrações;

Incentivar a participação em formações a nível diocesano e local.

**5. *Quais grupos ou indivíduos são deixados às margens ou excluídos do nosso convívio?***

As pessoas com deficiências físicas e mentais, as pessoas em situação de rua, os jovens inseridos na realidade do tráfico, as famílias em situação de extrema pobreza, as comunidades do interior pela distância o que acaba dificultando o trabalho pastoral, a população carcerária, os idosos, o grupo LGBTQIA+, as pessoas usuárias de drogas ilícitas e lícitas e as pessoas enfermas.

## **6. *Como acolhê-los?***

É preciso melhorar a acolhida e integração de novos membros nas comunidades desde a porta da igreja nas missas, na realização de visitas domiciliares, maior atuação das pastorais sociais nesses grupos, procurando ouvir, respeitando as diferenças culturais e individuais, bem como acompanhamento e assistência para com esses grupos marginalizados.



## **1. *Quais os caminhos por onde Deus nos fala?***

Através de Sua Palavra, pela Tradição e pelo magistério da Igreja, nas celebrações, na oração, nos sacramentos, nos acontecimentos cotidianos da vida, no testemunho de vida dos irmãos, nos gritos e dores do povo sofrido e calejado pelas injustiças, nas nossas pastorais e movimentos, através das autoridades espirituais que nos auxiliam no caminho e suscitam confiança, nas vozes de minorias que muitas vezes ignoramos, nos sinais dos tempos.

**2. *Como ouvir os leigos, de modo especial às mulheres e os jovens?***

Criando espaços de diálogo, participação e integração pastoral onde sejam cultivadas atitudes de acolhimento sem julgamento, de respeito, empatia e conhecimento de suas realidades geográficas e existenciais.

É urgente pensar uma preparação dos nossos agentes que favoreça a escuta destes grupos (dentro e fora da igreja) em atividades como visitas domiciliares, encontros, programações na comunidade, implantação da pastoral da escuta e outros momentos criativos (até mesmo com a contribuição de psicólogos) que nos disponham a ouvir os seus anseios e desejos.

É preciso uma ação motivadora constante (olhar positivo, fala encorajado-

ra) nos espaços onde mulheres e jovens têm oportunidade de falar e serem escutados (reuniões, catequese, formações etc.), mas preferem ficar calados, intimidados, com receio de serem julgados.

### ***3. O que ajuda ou impede a nossa escuta de Deus?***

***O que ajuda:*** a formação e a orientação espiritual, a vida de oração e comunhão eclesial, os Círculos Bíblicos, a celebração e a adoração eucarísticas, os encontros e visitas comunitárias no decorrer do ano litúrgico como as novenas das festividades, o silêncio, a humildade, a paciência de nos colocarmos no lugar do outro.

***O que impede:*** a falta de fé ou de maturidade cristã, a tibieza, os preconceitos, o clericalismo, o ativismo pastoral, a intolerância, as convicções ideológicas arraigadas, a ideia de acharmos que já sabemos tudo, o individualismo, a vaidade, o orgulho, a autossuficiência, a soberba, o autorreferencialidade, o comodismo, as desculpas, a preguiça, a busca pelo poder, o materialismo, os nossos limites humanos, por vezes até os problemas familiares e financeiros.

### ***4. Como ouvimos as pessoas que se encontram nas periferias, pontes, baixadas, etc.?***

Através das pastorais sociais ouvimos um pouco estas realidades, oferecendo serviço médico, psicológico e jurídico. O mesmo acontece por meio dos círculos bíblicos, pastoral da visitação, alguns encontros temáticos e projetos sociais, porém não é o suficiente. Ainda temos muitas falhas no ir ao encontro daqueles que estão à margem, dos “invisíveis” e, conseqüentemente, é pobre o nosso ouvir. As nossas comunidades nunca negam ajuda a pessoas carentes ou que se encontram nas periferias espirituais, mas normalmente são essas pessoas que vem em busca da nossa ajuda.

### ***5. Como os consagrados/as podem ajudar na escuta?***

Procurando vivenciar com mais ímpeto a missão de consagrados/as, sendo mais acolhedores, mais fraternos, solícitos e amáveis, mais presentes nas comunidades e próximos das famílias, ouvindo com caridade e compaixão os anseios e as angústias de seu povo. Alguns padres precisam sair da rotina, serem mais acessíveis, dinâmicos e carismáticos, pois pelo conhecimento da Palavra e pelo Sacramento da reconciliação tem o “poder” de ensinar, corrigir e orientar para a vida em sociedade. Uma outra possibilidade para essa escuta seria através das pastorais sociais, não só como “assistencialismo”, mas na linha da promoção humana integral.

### ***6. Quais os nossos limites na nossa capacidade de escutar aqueles que têm opiniões diferentes de nós?***

Fica evidente a falta de maturidade humana e cristã ainda presente em nos-

so meio para saber ouvir e respeitar as opiniões que divergem das nossas. Nos tornamos incapazes de acolher o diferente devido à insegurança, intolerância, autoritarismo, orgulho, falta de respeito, incapacidade de diálogo, falta de paciência, apego a posições ideológicas, complexo de superioridade ou inferioridade, estereótipos negativos (julgamento imprudente), inflexibilidade, ao olharmos para o outro como adversário e concorrente perdendo o senso comunitário e o senso da nossa missão que deve ser vivida na diversidade.

### ***7. Que espaços damos à voz das minorias, das pessoas que vivem na pobreza, marginalização e exclusão?***

Estamos longe de oferecer verdadeiros espaços de diálogo e participação a certas minorias que se sentem e são excluídas dentro das nossas comunidades. Embora haja todo um esforço pastoral no sentido de envolvê-las dentro das pastorais sociais e de outros serviços de caridade, ainda nos falta mais coragem, atitudes inovadoras, parcerias ecléticas e quebra de preconceitos para encurtar o caminho da escuta entre a Igreja e os pobres e marginalizados.



### ***1. O que facilita que se fale com clareza e responsabilidade em nossa Igreja local e na sociedade?***

A principal coisa é o acolhimento em conjunto vindo das lideranças leigas e padres. Nisto implica o respeito, o cuidado e um espírito de união fraterna que nos faz sentir verdadeiramente livres para falar abertamente. Algo estimulante neste quesito é o incentivo dos padres, pois a presença de um pároco disposto a ouvir seu rebanho é um grande fomento a esta questão. O conhecimento e a formação nos dão o empoderamento e autoridade necessária para falar. Alguns atributos são essenciais para a comunicação: ter boa oratória, coragem e liberdade, acolher ideias, ter linguagem acessível a todos, ter alegria, ser respeitoso e simples.

### ***2. O que dificulta que se fale com clareza e responsabilidade em nossa igreja local e sociedade?***

A maior dificuldade é em relação ao nosso nível de conhecimento e formação, que faz com que tenhamos vergonha de expor nossas opiniões e sermos julgados e desrespeitados por aqueles que têm ideias diferentes. Nas igrejas, muitos grupos se mantêm fechados à entrada de novas pessoas, sobretudo nos espaços onde são tomadas as decisões. Precisam ser abolidas posturas autoritárias, unilaterais e ideológicas, inclusive o clericalismo, e dar mais espaço à voz das pessoas (em especial aos jovens). A falta de entrosamento entre as pastorais e movimentos impede de conhecer o que o

outro faz, fragilizando as relações.

### **3. Quando conseguimos dizer o que é importante para nós e como?**

Quando participamos das decisões pastorais e nos envolvemos nas decisões políticas de base. Quando encontramos acolhimento pelos padres e demais lideranças há uma maior possibilidade para se falar abertamente e com sinceridade de coração. O CPP (Conselho Pastoral Paroquial) é um espaço privilegiado para que seja manifestada a nossa voz, pois todos têm a oportunidade de expor suas opiniões. Também nos momentos de formação paroquial, reuniões de conselho e nos planejamentos (das comunidades, pastorais e movimentos) podemos falar e ouvir o próximo. É necessário sairmos das estruturas eclesiais que são fechadas em si mesmas e estarmos presentes nos espaços onde as pessoas estão para nos posicionar diante da sociedade participando dos debates sociais, fóruns, conferências, sessões na Câmara de Vereadores, nas escolas, sendo ativos nos espaços democráticos.

### **4. Como funciona a relação com os meios de comunicação locais?**

O uso das redes sociais tem auxiliado bastante o nosso serviço, sendo muito difundido no dia-a-dia da maior parte de nossas comunidades. As redes sociais ajudam na socialização do conhecimento, formações, na divulgação de eventos, informes, com atenção ao risco de disseminação de fake news. A realidade da pandemia mostrou a importância da comunicação na realidade eclesial de nossa diocese, através das transmissões pela internet, pela rádio e televisão. Entretanto, apontamos para a necessidade de ampliar o acesso a esses meios para que atendam as nossas comunidades.

### **5. Quem fala em nome da comunidade cristã e como são escolhidas estas pessoas?**

A posição do falar está majoritariamente depositada na figura do sacerdote. Algumas vezes nos sentimos intimidados pelo padre quando suas atitudes são unilaterais, pois o autoritarismo inibe o diálogo. Também reconhecemos a voz das lideranças leigas, pois estes conhecem bem a realidade da comunidade. A escolha destas pessoas é normalmente feita pelos párocos e algumas vezes pelas lideranças da comunidade.



## CELEBRAÇÃO



### ***1. Como a oração e as celebrações litúrgicas podem orientar nossa vida e missão na vivência comunitária e iluminar nas nossas decisões mais importantes?***

Através do fortalecimento, pois nos encoraja, santifica, liberta, protege, purifica, inspira e dá alegria a nossa alma; é através da força da Palavra e da celebração que partimos para os serviços comunitários e missionários; são os meios necessários que nos ajudam a vencermos as tribulações que surgem na caminhada, a discernirmos entre o bem e o mal, a viver bem dentro e fora da Igreja e nos orientam para a experiência da alteridade, acolhendo e ajudando os irmãos em suas necessidades, principalmente os mais afastados, partilhando com eles o que temos e somos. Ajuda também a envolvermo-nos com as pessoas e suas histórias no cotidiano: nos dão possibilidades para abrirmos nosso coração para recebermos a luz do Espírito Santo e entendermos a vontade de Deus em nossa vida e na vida dos que Ele coloca ao nosso lado, a fim de tomarmos as decisões e respondermos às indagações que carregamos dentro de nós; nos coloca diante de Deus, de forma pessoal e comunitária, para que possamos estar de pé e confiantes diante das circunstâncias da vida.

### ***2. Como promovemos a participação ativa e consciente de todos os fiéis na liturgia?***

Através da aproximação pessoal, na acolhida de todos os membros buscando o envolvimento na assembleia litúrgica; quando preparamos bem o ambiente litúrgico e promovemos catequese nas comunidades, oferecendo formação litúrgica, para que a assembleia participe ativamente. Quando redescobrimos o valor das celebrações litúrgicas como base para a nossa vivência do múnus sacerdotal. Quando entendemos que somos uma assembleia de chamados e enviados a serviço do bem comum; quando valorizamos os círculos bíblicos, as celebrações da Palavra presididas pelos fiéis leigos e aceitamos as orientações e campanhas sugeridas pela Igreja, de maneira que todos sejam envolvidos no processo de evangelização. Despertando a consciência que as nossas celebrações litúrgicas devem ser enraizadas na vida do povo, convidando-o à vivência dos sacramentos como caminhada de fé e para o serviço missionário dentro e fora da Igreja.

### ***3. Que espaço damos à participação nos ministérios de Leitor e de Acólito?***

Não existe nas paróquias oficialmente o ministério do Leitor e Acólito, o que existe são fiéis que já exercem esses papéis, que são os leitores e coroi-

nhas e ministros extraordinários da Eucaristia, servindo nas leituras, no altar e distribuição da Eucaristia. Eles são bem acolhidos, valorizados e incentivados, tendo liberdade para desenvolverem suas atividades e, ao mesmo tempo estarem próximos da comunidade. Existe um incentivo para a promoção de vocações, ajudando os fiéis a descobrirem e assumirem esses ministérios.



## **PARTILHAR A RESPONSABILIDADE**



### ***1. Uma vez que somos todos discípulos missionários, de que forma cada batizado é chamado a participar na missão da Igreja?***

A partir do nosso batismo, somos chamados para uma missão comum: a tarefa missionária é evangelizar, anunciar o amor de Deus e testemunhá-lo com a própria vida. Somos chamados à missão de diversos modos através do testemunho de amor na família, da participação nos serviços da comunidade, pastorais e movimentos, bem como quando escolhemos participar e opinar nas decisões tomadas no que diz respeito à vida na sociedade.

### ***2. Quais são as dificuldades que os batizados encontram para serem atuantes na missão?***

A ausência de compromisso comunitário; falta de espírito comunitário com sua base na vida trinitária e no batismo recebido (conversão pastoral); pouca atenção para com os agentes de pastorais quanto à espiritualidade; reduzido número de pessoas assumindo muitas tarefas, tornando difícil conciliar o tempo entre o serviço da comunidade, o trabalho profissional e a família.

### ***3. Quais áreas da missão estamos dando pouca atenção?***

Em algumas paróquias ainda falta dar mais atenção aos jovens para que se sintam acolhidos, pois muitos participam das missas, mas não há nenhuma proposta voltada para eles. Há pouca atenção às famílias, já que a grande maioria não se envolve na vida comunitária. Por fim, o serviço à caridade, sendo urgente dar mais atenção aos pobres, desempregados e excluídos. Outras áreas: visita aos paroquianos e escuta dos mesmos. Nas paróquias há falta de protagonismo dos leigos para assumir uma pastoral da visitação; incrementar as pastorais sociais e o diálogo com as diferentes realidades presentes na comunidade.

### ***4. Como acolhemos e apoiamos os membros das nossas comunidades que atuam na sociedade de várias formas (envolvimento social e político, investigação científica, educação, promoção da justiça social,***

***proteção dos direitos humanos, cuidado com a Casa Comum, etc.)?***

Nossas comunidades paroquiais têm pouco envolvimento com sindicatos, associações ou instituições que tem por objetivo principal a luta pelas melhorias do bem comum; há pouco ou nenhum apoio a membros que atuam em alguns partidos. Nosso apoio e acolhimento é muito tímido e de pouco alcance, ocorrendo através de cursos e formações nas comunidades que de alguma forma falam e orientam sobre a dimensão política e social da igreja. Ainda que com a presença de membros atuantes na sociedade, não há iniciativas que aproximem essas pessoas para uma conscientização de como o seu trabalho pode estar a serviço da comunidade.

***5. De que forma a Igreja ajuda essas pessoas a entenderem sua missão diante dessas realidades?***

Por meio dos encontros de oração, formação, celebrações, cursos, ações e projetos, através dos quais são abordados aspectos da Doutrina Social da Igreja e dos vários documentos que tratam da missão dos cristãos nas mais diversas realidades.

***6. Na sua comunidade como e por quem é feito o acompanhamento sobre as escolhas missionárias?***

Algumas comunidades nas nossas paróquias não têm conhecimento sobre as escolhas missionárias. Em outras comunidades, as escolhas missionárias são feitas por todos que participam dos grupos, movimentos e pastorais, a partir do planejamento individual e depois em conjunto, nas assembleias ou reuniões do CPP. Existem situações em que estas escolhas são feitas inicialmente pelo próprio leigo. Quanto ao acompanhamento destas escolhas missionárias, este é feito geralmente pelos padres, diáconos e religiosas e conselhos paroquiais/comunitários, quando existem.


**DIÁLOGO NA IGREJA E NA SOCIEDADE**

***1. Quais os lugares e os meios de diálogo no seio da nossa igreja local?***

Os lugares são os centros de convivência da comunidade/paróquia e os meios mais comuns desses diálogos ocorrem através das atividades comunitárias, dentro das reuniões de CPC, CPP, CEBS, Círculos Bíblicos, Campanha da Fraternidade, Novenários, Grupo de Oração, no Setor Juventude, redes sociais, nos encontros das pastorais/movimentos, nas formações comunitárias/paroquiais, na catequese, nos programas de rádio. Além disso, a igreja local deveria fazer o diálogo da igreja com a sociedade, de forma a possibilitar: a) Debates da pastoral universitária

com as demais religiões nos ambientes; b) Debates no período eleitoral, trazendo os candidatos para falar aos paroquianos sobre suas proposta de governo.

## ***2. Como promovemos a colaboração com dioceses vizinhas, comunidades religiosas da nossa área, associações e movimentos laicais, etc.?***

Devido a singularidade Amazônica, a colaboração com dioceses vizinhas ainda é pequena em face das nossas realidades de grandes distâncias e meio de transportes (fluvial), devendo ser melhorada. Quanto às demais realidades, a colaboração acontece através do apoio mútuo, principalmente por meio de eventos religiosos ou culturais e campanhas sociais, onde as comunidades, além da participação, buscam distribuir responsabilidades para o envolvimento dos fiéis. Por outro lado, a colaboração com associações e movimentos laicais ainda ocorre de maneira muito pequena e, onde já existe esta cooperação, se dá através da realização de ações que possibilitem melhora da qualidade de vida ou em prol de um benefício social em comum.

## ***3. Como abordamos as diferentes visões?***

Apontando caminhos comuns, haja vista que atualmente na igreja, infelizmente, prevalecem os “feudos/guetos” que impõem a sectarização das ideologias em detrimento da unidade/comunhão. Respeitando/seguindo/guardando os ensinamentos da Santa Igreja, no futuro esperamos como membros da Igreja de Cristo ter essa maturidade em relação às opiniões diversas e ter sabedoria para agregar e valorizar cada visão ou formas de pensar alheias, evitando que pessoas de visões diferentes se sintam menos valorizadas.

## ***4. Quais as questões particulares na Igreja e na sociedade as quais temos que prestar mais atenção?***

A questão particular da igreja, sempre foi e sempre será a evangelização. Neste sentido, temos que prestar atenção e intensificar os processos de evangelização dentro da igreja:

As crianças e jovens, pois ainda estão dentro do processo de formação cristã;

Os católicos afastados, que após um processo de acolhida (Pastoral da Acolhida), poderão voltar ao seio do corpo místico de Cristo;

A missionariedade, é necessário que continuemos a levar o Cristo aqueles irmãos necessitados, nas diferentes realidades e pessoas da igreja, principalmente nas dificuldades vivenciadas pelas pessoas mais pobres e excluídas (fome, injustiça, saúde), nas questões sociais (corrupção,

pedofilia, desemprego, drogas e outros), na atuação da juventude, na inclusão de pessoas com deficiências e nas famílias que estão vulneráveis. Nossa missão é acolher essas diversidades.

**5. *Que experiências de diálogo e colaboração temos com crentes de outras religiões e com as pessoas que não têm filiação religiosa?***

A maior parte das nossas comunidades não possui atividade alguma com os crentes de outras religiões ou aqueles que não possuem filiação religiosa. Neste campo, estamos longe de um diálogo como princípio ecumênico. Há ações isoladas em alguns eventos que ocorrem esporadicamente, algum “culto ecumênico” ou ações em conjunto, através de atividades pontuais quando buscamos melhorias à comunidade, dentre as quais destacamos: linha de ônibus, limpeza, ações humanitárias em desastres e pavimentação das ruas, mutirão para reforma de passarela, combate à violência e à criminalidade e outros.

**6. *Como é que a Igreja dialoga e aprende com outros setores da sociedade: as esferas da política, da economia, da cultura, da sociedade civil e das pessoas que vivem na pobreza?***

Nosso diálogo se resume apenas em formações dentro das comunidades ou nas pastorais, sendo nossa participação muito restrita aos muros e paredes das nossas igrejas. Alguns membros das paróquias participam de sindicatos e partidos políticos, associações de bairro e movimentos populares, encontros entre candidatos de diferentes partidos, mas de forma pessoal, sem articulação com a organização eclesial.

Em relação a outras instâncias, como a cultura e a economia, o diálogo acontece a partir das pastorais sociais, Instituição Cáritas, eventos como o Grito dos Excluídos, grupo de oração, Escola de Fé e Política e em ações humanitárias de modo geral. Nesse sentido, percebemos que as paróquias continuam fechadas para essas proposições do engajamento político, desenvolvimento econômico e cultural na esfera social. Os conselhos paritários e as audiências públicas são importantes instrumentos de participação na sociedade civil e governamental, para que tenhamos vez e voz.



**ECUMENISMO**



**1. *Que relações tem a nossa comunidade eclesial com membros de outras tradições e confissões cristãs?***

Nossa Diocese atualmente vivencia mais a experiência inter-religiosa, sem ter iniciado a vivência do Ecumenismo propriamente dito; estamos ainda

distantes de uma aproximação verdadeiramente ecumênica. Vivemos ocasiões esporádicas como formaturas, inaugurações de prédios, convites públicos e velórios, normalmente mais restrito aos padres. Na maioria das paróquias não existe nenhum tipo de colaboração com pessoas de outras denominações religiosas, o que existe é uma provável relação interpessoal no âmbito da sociedade e, mesmo nas nossas famílias, o que se vive é uma relação de respeito às diferenças de pensamento e crenças, relação de tolerância e acolhida, “aceitação do diferente” e em parte, se assume uma postura indiferente.

## ***2. Vivemos numa sociedade pluralista, sentimos a necessidade do encontro ecumênico?***

Sim, sentimos a necessidade de nos conhecermos uns aos outros e saber sobre as nossas experiências, entendendo o que nos une e o que nos diferencia para partilhar ações solidárias; entendemos que é necessário ter uma convivência harmônica com as demais confissões religiosas, pois fazer o contrário disso seria um contra testemunho ao evangelho de Cristo.

Por outro lado, alguns católicos não sentem essa necessidade devido a não abertura de outras denominações, e porque veem essa iniciativa apenas por parte da Igreja Católica. A prática ecumênica, ainda não acontece na nossa Diocese entre as Igrejas cristãs que compõem o CONIC.

## ***3. Que gestos, passos e ações dar para criar momentos de encontro e escuta?***

Promover momentos de partilha e conhecimento mútuo, agregando nossas peculiaridades religiosas; criar espaços de diálogo, respeito e comunhão fraterna na comunidade paroquial com lideranças de outras denominações religiosas; realização de encontros com expressões artísticas das Igrejas; realizar ações comuns junto aos necessitados em situações de emergência ou de injustiça, etc.

## ***4. O que podemos partilhar para caminharmos juntos?***

As iniciativas devem partir do Bispo, juntamente com o Clero, para compreensão sobre o que é o ecumenismo e motivação das comunidades a vivê-lo, promovendo encontros de diálogo e escuta.



## **AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO**



### ***1. A nossa comunidade tem objetivos pastorais definidos, bem como a forma para alcançá-los?***

Há variação, mas em regra o que se observa é que as comunidades reali-

zam reuniões ou assembleias de planejamento para pensar as propostas de ações pastorais durante determinado prazo (geralmente um ano), havendo, porém, grande dificuldade para o cumprimento da totalidade das ações planejadas. Deve-se pensar propostas mais simples, exequíveis e “pé no chão”, de modo que as ações sejam completadas e evoluam gradativamente. A partir da assembleia diocesana faz-se necessário o respeito pelas diretrizes ali determinadas e o comprometimento dos párocos na disseminação desse conteúdo, de modo que não tentem colocar suas ideias e modo de pensar acima dos ideais da diocese, devendo ainda haver um maior assessoramento por parte da diocese, orientando aos párocos no cumprimento das decisões diocesanas, somente assim teremos uma efetiva Sinodalidade.

## ***2. Por quem e como são tomadas as decisões pastorais na nossa comunidade?***

Existem comunidades onde as decisões são tomadas em conjunto através dos CPCs e CPPs, por outro lado, em outras comunidades as decisões são tomadas pelos padres (pároco) e em níveis menores pelas comunidades por meio de assembleias, CPCs, CPPs e coordenadores de pastorais, sendo as ações dos leigos direcionadas pelos padres (muitas vezes através de mudanças subjetivas e vetos, por vezes contrárias à vontade do povo). É necessária a realização de um planejamento pastoral estratégico anual (ou outra periodicidade) com avaliações periódicas com ampla participação de todo o Povo de Deus em todos os níveis (DGAE, assembleia diocesana, paroquial e local). Há uma necessidade de maior envolvimento das pessoas que estão nas bases (paróquias) nos conselhos diocesanos, de modo que prevaleça o pensamento da maioria e que reflita os ideais evangélicos. Sente-se ainda a necessidade da organização de coordenações em todas as comunidades (inclusive na matriz) e de conselhos econômicos escolhidos pela comunidade em assembleia.

## ***3. Como e por quem são orientadas as avaliações das ações pastorais?***

Geralmente pelos conselhos comunitários (CPC e CPP) e párocos e, em alguns casos, pelo pároco isoladamente.

## ***4. Como se dá a participação dos leigos?***

De forma efetiva na gestão e administração das comunidades sob a orientação dos padres, sendo necessário que haja um entendimento entre as funções do leigo e dos padres, de modo que aqueles conduzam seu trabalho de direção das comunidades e pastorais com amor e dando testemunho de fé, e estes, de igual modo, cuidem dos paroquianos dirigindo-os na fé, sem

tentar intervir de forma abrupta e ditatorial nas decisões tomadas nas comunidades. Há ainda a necessidade de formação por parte dos leigos: aprofundamento no conhecimento do magistério da Igreja, direito canônico (sua aplicabilidade), dogmática e etc., de modo que os leigos possam estabelecer a real sinodalidade e não a “sinodalidade do clero”. As pessoas precisam ter mais conhecimento para legitimar a tomada de decisão e não apenas depender do sacerdote e dos animadores de comunidade.

### ***5. Temos experiências positivas de sinodalidade (comunhão) na nossa comunidade?***

Em algumas comunidades são perceptíveis experiências de sinodalidade, sobretudo por meio dos conselhos pastorais (CPC e CPP) e ações conjuntas das pastorais, setores e toda comunidade. Por outro lado, em outras comunidades tais experiências se tornam cada vez mais difíceis com o isolamento das pastorais dando atenção apenas ao seu serviço específico, sem levar em conta a unidade/sinodalidade/pastoral de conjunto.

### ***6. Como funcionam os órgãos de participação na nossa comunidade?***

Por meio de encontros com a participação dos coordenadores de pastorais (reuniões) ou de todo o povo (assembleias) onde são tomadas as decisões referentes às ações comunitárias e da paróquia, buscando garantir sempre a participação e o respeito a todas as opiniões, o consenso e, quando necessário, a votação para tomada de decisões. Mesmo após as tomadas dessas decisões de forma participativa, as comunidades sentem a necessidade do respeito à concretização das decisões tomadas pelo povo de Deus oriundas dos conselhos, que em alguns casos são substituídas pela vontade subjetiva do pároco.

### ***7. Como podemos promover uma abordagem sinodal na nossa participação e liderança?***

Deve haver o respeito mútuo entre os irmãos leigos e clérigos, estimulando ainda amplo diálogo e obediência (crítica) por parte dos leigos e respeito às decisões tomadas pelo povo por parte dos padres. Participação comum da comunidade de modo que se motive a ação em conjunto (pastoral de conjunto) e não isoladamente por cada pastoral (fragilização do senso comunitário).

**DISCERNIMENTO E DECISÃO*****1. Como fazemos para decidir nossa caminhada como Igreja?***

A maioria das decisões são discernidas e tomadas através de espaços coletivos de deliberação, tendo-se como exemplo as Assembleias (nível diocesano), os Conselhos Pastorais Paroquiais (nível paroquial), os Conselhos Pastorais Comunitários (nível de comunidade) e as demais instâncias a nível de pastorais, movimentos e organizações. A realidade diocesana é bem diversa, em alguns espaços, busca-se olhar para a realidade, à luz da palavra de Deus, para encontrar o melhor caminho a ser trilhado pela igreja. Percebe-se uma grande importância dada ao diálogo, a fim de que se atinja um consenso para que as decisões possam ser tomadas e legitimadas. Entretanto, em outras realidades é notada uma grande participação dos párocos e das comunidades religiosas na tomada da decisão final. Em alguns casos essa participação é mais agregadora e alguns outros mais restritiva/impositiva.

***2. O que podemos fazer ou melhorar para motivar a participação de todos?***

Para se aproximar desse objetivo é necessário exercitar uma melhor acolhida do povo de Deus, a constante apresentação da importância da participação na vida da comunidade, de cultivar o diálogo e a escuta fraterna, a fim de se criar o sentimento de pertencimento e a descoberta da necessidade de se dispor ao serviço. Não se pode esquecer, também, de fomentar espaços de avaliação periódica dos caminhos e escolhas já feitas, para valorizar e celebrar o trabalho de quem se envolveu com as tarefas e, por outro lado, para que se possa envolver cada vez mais pessoas em escolhas e caminhos futuros.

***3. Estamos dando oportunidade de todos contribuírem nas decisões dos caminhos a serem seguidos?***

Apesar dos inúmeros convites e oportunidades dadas para participação nas decisões da igreja, a participação da comunidade em geral ainda é reduzida. Nota-se a participação das mesmas pessoas no processo de decisão, o que acaba gerando uma sobrecarga de responsabilidades. Com a baixa participação perde-se, também, a possibilidade de se ter visões diferentes sobre um mesmo problema, ocasião em que alguns detalhes importantes podem acabar passando despercebidos. Ainda nesse sentido, é necessário pontuar que, por vezes, diante de questões urgentes, acaba sendo difícil envolver todos no processo decisional, ocasião em que a saída acaba sendo envolver um grupo pequeno na tomada de decisões. Contudo, é preciso ter o cuidado para que esse grupo tenha representantes de várias comunidades,

pastorais, movimentos, a fim de representar uma coletividade/pluralidade.

***4. Colocamos em prática as decisões propostas pela comunidade, e o que fazemos para que todos saibam quais os caminhos/decisões foram assumidos?***

As questões mais relevantes e prioritárias são realizadas com êxito. No entanto, também se percebe que existem muitas outras decisões tomadas que acabam ficando somente no papel, dispersas e sem prática. No que se refere à transparência (também na parte financeira) quanto aos caminhos e decisões que foram assumidos, são utilizados diversos mecanismos de divulgação, entre os quais a comunicação através dos avisos ao final das celebrações eucarísticas, através das redes sociais, dos murais de avisos físicos nas comunidades, de banners informativos e das prestações de contas recorrentes.



**FORMAR-NOS NA SINODALIDADE**



***1. Como a nossa comunidade promove a formação das pessoas capazes de ouvirem umas às outras a participarem na missão?***

A formação é promovida nas estruturas de escuta como os conselhos paroquiais, pastorais/movimentos, grupos de oração, círculos bíblicos, catequese e encontros de gerações e culturas que favorecem a vivência da Sinodalidade e que em sua essência são lugares de escuta e diálogo. Buscamos acolher e incentivar os diferentes dons das pessoas da comunidade, especialmente daqueles que são menos vistos. Através da escuta e com o coração aberto ao que o outro tem a dizer, a Sinodalidade se dá de forma concreta nos planejamentos pastorais e essa é uma importante ferramenta para o “PLANEJAMENTO EM CONJUNTO”.

***2. Que formação é dada para incentivar o discernimento e o exercício da autoridade de forma sinodal (comunhão, participação e missão)?***

Há pouca formação continuada e específica para essa temática, mas os minicursos e oficinas, bem como momentos formativos pontuais são exemplos que deram certo, além dos círculos bíblicos. Além de formações, também propiciamos momentos comuns de oração, espiritualidade, debates e reflexões sobre nossa prática de acolhimento e acerca das mazelas sociais que envolvem crianças, jovens e adultos para crescer na unidade, seja por segmentos pastorais como também momentos gerais com toda a comunidade.



## CONCLUSÃO



Como explicado na introdução, optamos para que cada Grupo que elaborou as respostas apontasse UMA prioridade para a caminhada da Diocese de Macapá dentro do tema refletido. Consideramos estas propostas “o sonho” que deve nortear as próximas decisões do nosso empenho de evangelização, procurando vivenciar sempre a comunhão, a participação e a missão.



## PRIORIDADES



1. Cultivar uma igreja em estado permanente de missão através de visitas domiciliares tanto aos que fazem parte dos grupos/pastorais/ movimentos quanto as pessoas que estão de fora da igreja.
2. Promover a formação dos nossos agentes que favoreça o IR AO ENCONTRO das realidades sociais gritantes nas nossas comunidades (por exemplo: uma equipe missionária de escuta, etc).
3. Aprimorar o âmbito do conhecimento/formação nos setores de base de nossa Igreja. Pois o saber empodera o indivíduo para que tenha voz ativa, lhe confere autonomia tornando-o protagonista das ações pastorais.
4. Incentivar a formação litúrgica no âmbito de toda a ação evangelizadora e instituir os ministérios de leitor e acólito.
5. Retomar a articulação e o fortalecimento dos círculos bíblicos nas comunidades, assumido por todas as lideranças das pastorais, movimentos e serviços.
6. Realizar um estudo para conhecer a realidade ao entorno das comunidades/paróquias, não só os que frequentam as celebrações, mas também, aqueles que se declaram católicos mesmo não tendo uma participação efetiva nas atividades da comunidade;
7. Discernir um caminho formativo que responda a necessidade da Igreja local, de compreender o posicionamento da Igreja na relação ecumênica e inter religiosa. Como passo de preparação para desenvolver futuras ações conjuntas, com maturidade para viver a comunhão sem confundir a identidade e a limpidez da fé católica.
8. Criação e/ou fortalecimento dos Conselhos Comunitários e Conse-

lhos Econômicos, bem como um estudo e/ou elaboração das competências desses conselhos de modo a garantir uma real e efetiva participação dos leigos na gestão da igreja.

9. Fomentar espaços de avaliação periódica dos caminhos e escolhas já feitas, para valorizar e celebrar o trabalho de quem se envolveu com as tarefas e, por outro lado, para que se possa envolver cada vez mais pessoas em escolhas e caminhos futuros.
10. Resgatar e implementar uma formação continuada a nível diocesano através dos vicariatos e paroquiais.

Macapá 02 de junho de 2022



Dom Pedro José Conti, bispo de Macapá

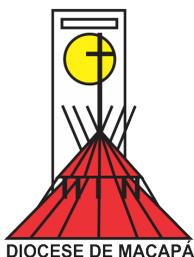
**Idealização**

Diocese de Macapá-AP

**Organização**

Equipe de Síntese Diocesana

# Diocese de Macapá



<https://www.diocesedemacapa.com.br/>  
[@diocesedemacapa](#)